

a filiação de proudhon

daniel colson*

Como a maioria dos outros teóricos do anarquismo (Godwin, Coeuderoy, Dejacque ou Bakunin, por exemplo), Proudhon não escapa do desprezo ligado à aparente excentricidade de suas idéias — mas também a modos de agir e de situar-se no mundo — despreocupadas com as formas e convenções capazes de mascarar sua originalidade. No entanto, a esse descrédito comum, Proudhon acrescenta uma má e estranha reputação (devida sem dúvida à importância e ao caráter durante muito tempo enigmático de sua obra) que não apenas reforça as razões para não lê-lo, mas principalmente para dizer ou repetir despropósitos a seu respeito. Por exemplo, e para citar somente o lugar comum mais extravagante, que ele seria “o pai do anti-semitismo moderno”.¹ Entretanto, o interesse contraditório e, por um longo período, inconcluso por seus escritos — de Elie Havély a Georges Gurvitch, passando por Leon Brunschvicg ou o

* Professor de Sociologia na universidade de Saint-Étienne, membro da livraria libertária La Gryffe de Lyon, autor de *Petit lexique philosophique de l'anarchisme. De Proudhon a Deleuze*. Paris, ed. Le Livre de Poche, 2001 e *Trois essais de philosophie anarchiste, Islam, Histoire et Monadologie*. Paris, ed. Léo Scheer, 2004.

durkeïniano Célestin Bouglé e o inclassificável Georges Sorel — basta para mostrar a força e a importância de uma filosofia que apenas o ressurgimento libertário destes últimos anos, e a aparição de um pensamento contemporâneo dito “pós-moderno”, finalmente tornou perceptíveis.

As ondas Proudhon

Embora seja certo que ele recusaria tal distinção, a importância de Proudhon é de duas ordens. Ela é em primeiro lugar histórica e política. De fato, é impossível compreender o que quer que seja sobre a natureza e significação dos movimentos revolucionários ocorridos a partir da segunda metade do século XIX sem conhecer a obra de Proudhon. Uma obra que esteve em parte na origem desses movimentos, mas que é, sobretudo, expressão e fonte de inspiração para a riqueza, diversidade e originalidade de sua realidade e significação emancipadoras. Durante mais de setenta e cinco anos (quatro gerações operárias), desde a fundação da 1ª Internacional, em Londres em 1865, até o fim da revolução espanhola em 1939, o conjunto de países em vias de industrialização foi atravessado por surpreendentes movimentos operários e revolucionários, mas freqüentemente ignorados, duplamente massacrados, tanto em sua realidade quanto em sua lembrança, pelas ulteriores configurações do comunismo marxista. A influência de Proudhon passa por múltiplas ondas e histórias diferentes, que se recobrem e se reforçam mesmo quando são muito diversas. Temos por exemplo, os movimentos cooperativos — esse ramo duradouro, mas negligenciado do movimento operário internacional. Ou ainda a 1ª Internacional (AIT), uma primeira vez, com as posições moderadas dos “proudhonianos” de estrita observância (os “mutualistas”), e depois, contra os primeiros, através da radicalidade revolucio-

nária dos partidários de Bakunin, que conviveu regularmente com Proudhon (durante os anos 1840), e que o lera com paixão, antes de se apropriar dele e de retomá-lo de outra forma. Outro exemplo é a Espanha. Inicialmente o proudhonianismo aí se difunde não entre os operários, mas na pequena burguesia dos meios republicanos e federalistas, em especial com as traduções e os escritos de Pi y Margal, ministro da efêmera república de 1871, mas também inspirador mais ou menos direto dos levantes cantonalistas dos anos 1860. Esse primeiro proudhonianismo encontra-se e é recoberto por uma segunda onda, desta vez estrita e massivamente operária, através do duplo acontecimento que foi o eco da Comuna de Paris e a ligação duradoura das principais forças operárias com o anarquismo de Bakunin. Um outro exemplo, mais tardio, é o *sindicalismo revolucionário* que, a partir da França e depois um pouco em todas as partes do mundo, acaba representando o projeto de Proudhon em oposição, mas também em estreita afinidade, com o proudhonianismo extremo e insurrecional dos anarquistas, e com aquele aparentemente tão diferente dos múltiplos e proliferantes movimentos culturais e cooperativos. Essa capacidade de Proudhon de inspirar realidades tão diferentes quanto os movimentos messiânicos dos operários agrícolas andaluzes, a rigorosa e complexa federação dos relojoeiros do Jura suíço, as ações itinerantes dos *Industrial Workers in the World* (IWW) americanos, ou os grupos anarquistas do *East End* judeu de Londres, serviu por um longo período para justificar o veredicto de incoerência e heterogeneidade que geralmente se atribui à sua obra, como também às revoltas e realizações de caráter libertário dos quais ela é a vertente teórica. Mas é justamente aqui que uma releitura contemporânea de Proudhon e desses movimentos, pode tentar esclarecer sua originalidade e o rigor de sua lógica interna.

“A anarquia, essa estranha unidade que não se diz senão do múltiplo”. Através dessa fórmula, Gilles Deleuze e Félix Guattari descrevem com economia e precisão a originalidade do projeto libertário, e do modo pelo qual Proudhon o pensou, duplicando assim sua diversidade e suas contradições aparentes. De fato, como Proudhon conseguiu ao mesmo tempo, para nos atermos ao mais conhecido, afirmar-se como reformista e como revolucionário, celebrar e denunciar o trabalho, opor-se ao romantismo insurrecional e tornar-se o apologista do guerreiro, reclamar-se da emancipação e dar provas de uma inverossímil misoginia, sustentar durante o conflito do *Sonderbund* suíço (1847) os cantões católicos e reacionários contra a maioria radical da Confederação, ou ainda adversário das greves e dos primeiros sindicatos transformar-se no primeiro inspirador do sindicalismo revolucionário? Graças a trabalhos como os de Pierre Ansart (especialmente *Naissance de l'anarchisme*²), mas também, mais recentemente, o trabalho da jurista Sophie Chambost,³ ou ainda o livro coletivo *Lyon et l'esprit proudhonien*,⁴ percebe-se melhor a coerência de um pensamento e de um projeto fundados sobre a anarquia do real e que rompem com o conjunto das representações da modernidade. Lembremos rapidamente os traços mais marcantes dessa coerência e dessa ruptura.

Uma anarquia positiva

Contra a uniformidade e as simplificações opressivas da ordem e da representação, contra as ilusões das formas, das molduras, das aparências e das classificações, o anarquismo proudhoniano opõe o múltiplo e o diferente, uma avaliação interior e singular dos seres e das situações, onde, segundo o princípio da homologia, os amigos e os associados desejáveis em tal ou tal movimento (opressivo ou emancipador) raramente estão onde se

pensa encontrá-los. À objetividade ordenada e mutilante de um mundo submetido a Deus, ao Estado, ao capital, e à Ciência, o anarquismo de Proudhon — antes de Nietzsche e segundo um Leibniz liberado de Deus — opõe o subjetivismo absoluto de um mundo anárquico que deve ser ordenado a partir do interior, por experimentação e pelo senso prático, por associações e des-associações (federalismo), um mundo que convém escolher e construir dentre todos os mundos possíveis, transformando a anarquia do real em *anarquia positiva*. O anarquismo de Proudhon substitui a articulação mecânica, exterior e utilitarista dos seres, por sua afinidade interior, para o bom ou para o mau, a partir do jogo infinito dos encontros e das associações, e como mostra qualquer história de amor, a posse de um quepe, de um volante ou de uma casa no subúrbio. À concepção restritiva e republicana de uma liberdade que “para onde começa a liberdade dos outros” (Rousseau), o anarquismo de Proudhon opõe uma liberdade transdutora, capaz de se estender “ao infinito” (Bakunin). À igualdade exterior e formal das casernas, “a igual nulidade e a escravidão igual de todos diante de um mestre supremo” (Bakunin), o anarquismo de Proudhon opõe a igualdade interior de um *eu absoluto, inviolável em sua dignidade*, ali onde, como afirma Deleuze, “o menor torna-se o igual do maior desde que não seja separado daquilo que ele pode.” Ao dualismo da alma e do corpo, o anarquismo opõe o monismo de um pensamento onde tudo é potência, desejo e vontade, forças a cada vez singulares e dotadas da possibilidade de avaliar incessantemente a qualidade emancipadora ou opressiva daquilo que as constitui. A falsas oposições que fixam e justificam a prisão em que vivemos — indivíduo/sociedade, natureza/cultura, bem/mal, homem/mulher, objetividade/subjetividade, humano/não-humano — são substituídas pelo anarquismo por uma composição e uma transformação permanentes dos

seres e das situações. Todo indivíduo é um grupo, um “composto de potências”, e todo grupo, toda entidade coletiva, não importando seu tamanho ou duração, é um “indivíduo”, dotado de vontade e força, de sua própria subjetividade. À liberdade abstrata e vazia do cidadão, do consumidor e desempregado “livremente” em busca de dinheiro, de trabalho e de felicidade, o anarquismo opõe a necessidade interior dos seres, segundo a natureza mais ou menos fugidia de sua composição, de seus encontros e de suas associações. Necessidade e liberdade se confundem, pois para o anarquismo, e como em Spinoza, é dita livre a coisa que existe apenas pela necessidade de sua natureza” e “obrigada, a coisa que é determinada por uma outra a existir e a agir segundo uma lei particular e determinada.”⁵

Em suma, é preciso ler e reler Proudhon à luz das experiências das quais ele é ao mesmo tempo a expressão e o inspirador, mas também à luz de um pensamento dito pós-moderno que ele esclarece e que o esclarece, contribuindo assim a dar sentido e força a todos aqueles que, seja à escala do mundo, seja à de sua vida mais imediata, recusam o absurdo e os pesadelos previsíveis deste século XXI que se inicia.

Tradução do francês por Martha Gambini.

Notas

¹ Pierre Birnbaum, *Le Monde*, de 18 de janeiro de 1987; Roger Pol-Droit, *Le Monde* de 12 de setembro de 2003, etc.

² Pierre Ansart. *Naissance de l'anarchisme*. Paris, ed. PUF, 1970.

³ Sophie Chambost. *Proudhon et la norme. Pensée juridique d'un anarchiste*. Rennes, ed. Presses universitaires de Rennes, 2004.

⁴ Vários autores. *Lyon et l'esprit proudhonien*. Lyon, Atelier de création libertaires, 2003.

⁵ Spinoza. *Éthique*, livro I, def. 7.

RESUMO

O artigo apresenta o pensamento de Proudhon como multiplicador de práticas distintas e diversas entre si ao longo da história do socialismo, da Comuna de Paris ao sindicalismo revolucionário, do anti-romântico insurrecional ao apologista guerreiro. Pensamento do múltiplo e da diferença evita os falsos dualismos indivíduo/sociedade, natureza/cultura, bem/mal...

Palavras-chave: Proudhon, anarquismo, história.

ABSTRACT

The article presents Proudhon's thought as multiplier of distinct and diverse practices throughout the history of socialism, from the Paris Commune to the revolutionary syndicalism, from the insurrectional anti-romantic to the apologist warrior. Thought of the multiple and of the difference avoids false dualisms person/society, nature/culture, good/evil...

Keywords: Proudhon, anarchism, history.

Indicado para publicação em 25 de junho de 2005.